



Psicologia & Sociedade

ISSN: 0102-7182

revistapsisoc@gmail.com

Associação Brasileira de Psicologia Social
Brasil

Corbett, Elisa; Follador e Ambrosio, Fabiana; Gallo-Belluzzo, Sueli Regina; Aiello Vaisberg, Tânia
Maria José

PRODUÇÕES IMAGINATIVAS SOBRE DIFICULDADES SEXUAIS: UM ESTUDO PSICANALÍTICO

Psicologia & Sociedade, vol. 26, núm. 3, 2014, pp. 756-765

Associação Brasileira de Psicologia Social

Minas Gerais, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=309332050024>

- Como citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto

**PRODUÇÕES IMAGINATIVAS SOBRE DIFICULDADES SEXUAIS:
UM ESTUDO PSICANALÍTICO**
*PRODUCCIONES IMAGINATIVAS SOBRE LAS DIFICULTADES SEXUALES:
UN ESTUDIO PSICOANALÍTICO*
*IMAGINATIVE PRODUCTIONS ON SEXUAL DIFFICULTIES:
A PSYCHOANALYTIC STUDY*

Elisa Corbett, Fabiana Follador e Ambrosio e Sueli Regina Gallo-Belluzzo
Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas/SP, Brasil

Tânia Maria José Aiello Vaisberg
Pontifícia Universidade Católica de Campinas e Universidade de São Paulo, São Paulo/SP, Brasil

RESUMO

Objetivamos investigar psicanaliticamente o imaginário coletivo de estudantes de Psicologia sobre dificuldades sexuais, tendo em vista que queixas relativas à esfera sexual da vida humana são comuns na prática psicológica. Realizamos entrevistas coletivas com três grupos de alunos, usando o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema como recurso facilitador. Obtivemos, assim, 47 produções. Tais comunicações foram interpretativamente consideradas, de acordo com o método psicanalítico, permitindo a produção de quatro campos de sentido afetivo-emocional: “Falha mecânica”, “Até que a morte nos separe”, “Quem sou eu?” e “Rejeição”. O quadro geral revela um imaginário conservador, a partir do qual podem emergir condutas preconceituosas e excludentes e que persiste apesar de inegáveis conquistas de movimentos sociais que focalizam as questões de gênero.

Palavras-chave: sexualidade; imaginário coletivo; preconceito; psicanálise.

RESUMEN

Tuvimos como objetivo investigar psicoanalíticamente el imaginario colectivo de estudiantes de Psicología en relación a las dificultades sexuales, teniendo en cuenta que las quejas relativas al campo sexual de la vida humana son comunes en la práctica psicológica. Realizamos entrevistas colectivas con tres grupos de alumnos, utilizando el procedimiento de dibujos-cuentos con tema como recurso facilitador. Obtuvimos de esa manera 47 producciones. Los dibujos-cuentos fueron interpretativamente considerados de acuerdo al método psicoanalítico, permitiéndonos la producción de cuatro campos de sentido afectivo-emocional: “Falla mecánica”, “Hasta que la muerte nos separe”, “¿Quién soy yo?” y “Rechazo”. El cuadro general revela un imaginario colectivo conservador, a partir de lo cual pueden emerger conductas prejuiciosas y excluyentes, que persiste a pesar de las innegables conquistas de los movimientos sociales que se focalizan en cuestiones de género.

Palabras clave: sexualidad; imaginario colectivo; prejuicio; psicoanálisis.

ABSTRACT

Our purpose was to investigate in the light of psychoanalysis the collective imaginary of Psychology students on sexual hardships, given that complaints relating to the realm of human sexuality are commonplace in the psychological practice. We held collective interviews with three groups of students, using the Drawing-Story with Theme Procedure as a facilitating resource. We gathered, in this method, 47 drawings. Such communication was considered interpretively, according to the psychoanalytical method, and allowing the creation of four affective-emotional fields: “Mechanical failure”, “Until death do us part”, “Who am I?” and “Rejection”. The bigger picture reveals a conservative imaginary, from which prejudicial and excluding behavior can emerge, and which persists despite undeniable victories from social movements focusing on gender issues.

Keywords: sexuality; collective imaginary; prejudice; psychoanalysis.

Situações que envolvem a sexualidade são comuns no cotidiano de profissionais das áreas de Saúde e Educação, dada a relevância desta dimensão da existência humana na forma como nos relacionamos com as outras pessoas e com o mundo. Assim, o cenário científico nacional é, atualmente, palco de um debate sobre aspectos da formação de estudantes dessas áreas que preparariam o aluno para uma atuação adequada quando questões relativas à sexualidade estiverem em pauta. Tal discussão parece polarizar-se em duas posições distintas. De um lado, alinham-se estudos ancorados na perspectiva de que o conhecimento técnico-científico seria, por excelência, a ferramenta de que o profissional disporia na sua prática (Lima & Cerqueira, 2008; Rohden, 2009). De outro, encontramos aqueles que apontam para a compreensão de que o conhecimento científico é fundamental, mas insuficiente para sustentar práticas verdadeiramente éticas e inclusivas, em virtude dos preconceitos socialmente circulantes sobre em que consistiria uma vida sexual normal (Brêtas, Ohara, & Querino, 2008; Dinis & Cavalcanti, 2008; Moscheta, Mcnamee, & Santos, 2011; Paiva, 2008; Souza & Dinis, 2010). O presente artigo, que se insere neste segundo grupo, é dedicado à investigação psicanalítica do imaginário coletivo de estudantes de Psicologia sobre dificuldades sexuais, justificando-se pela compreensão de que o psicólogo, nos diferentes contextos em que se insere, é frequentemente convocado a lidar com situações em que a sexualidade se manifesta, desde as que se referem à atividade sexual propriamente dita até aquelas em que estão em pauta normas sociais relativas às questões de gênero.

Para tanto, compreendemos a formação de psicólogos e outros profissionais de Saúde e Educação como um processo complexo, que demanda a articulação da transmissão de conhecimento com o que podemos designar como transformação de imaginários dos alunos, em especial aqueles que sustentam condutas preconceituosas (Aiello-Vaisberg, 1999; Corbett, 2009; Gallo-Belluzzo, 2011; Martins, 2007; Ribeiro, Tachibana, & Aiello-Vaisberg, 2008; Russo, Couto, & Aiello-Vaisberg, 2009). Dinis e Cavalcanti (2008), em estudo recente sobre a formação de pedagogos, encontram resultados que corroboram este posicionamento teórico-metodológico: a transmissão cognitiva de conhecimentos e informações favorece a assimilação de um discurso politicamente correto, não necessariamente vinculada a uma transformação das concepções excludentes que os alunos trazem consigo.

Cabe ressaltar, ainda, que, quando propomos a abordagem psicanalítica de um fenômeno social, ancoramo-nos na concepção blegeriana segundo a

qual o objeto de estudo da Psicologia e, por extensão, da Psicanálise, seria o homem concreto, sempre inserido em contextos histórico, social, político, cultural e econômico (Aiello-Vaisberg, 1999; Bleger, 1963/1989). Adotamos posição diversa de estudiosos que, a exemplo de Paiva (2008), insistem em ignorar as importantes mudanças pelas quais a psicologia clínica tem passado, em nosso país e no mundo, na medida em que se tornou profundamente sensível às condições concretas do viver. Acreditamos, por esse motivo, que a ideia blegeriana segundo a qual a formação do psicólogo deve integrar a dimensão clínica do sofrimento, de indivíduos e coletivos, com a consideração dos contextos históricos, políticos, sociais e culturais, é a mais acertada (Bleger, 1976). Defendemos, portanto, que as manifestações humanas devem ser sempre compreendidas como acontecimentos ou experiências humanas, seja qual for o contexto sobre o qual o psicólogo se debruça¹.

Método

No cenário científico atual, coexistem duas posições diversas em relação à possibilidade de uso do método psicanalítico em pesquisas de caráter empírico: a de que é possível fazer pesquisa usando material clínico produzido em atendimentos e a de que o método pode ser utilizado na abordagem de fenômenos variados, de caráter social e cultural (Herrmann, 2004b).

De um lado, há pesquisadores que propõem que a pesquisa psicanalítica deve fundar-se, necessariamente, na situação de tratamento analítico, diferenciando-se dela pelo destino dado àquilo que denominamos transferência. Esse conceito é classicamente usado para designar o fenômeno que ocorre na relação paciente-analista, quando o paciente atualiza suas experiências passadas, transpondo para o terapeuta necessidades e desejos originalmente vinculados a figuras importantes de sua vida, tais como os seus cuidadores na infância. É a partir da percepção da transferência que o analista age, atribuindo às vivências narradas pelo paciente um novo sentido, que pode ser verbalizado por meio de sentença interpretativa ou não, dependendo da linha teórica que sustente o trabalho. Ao final do tratamento, a transferência seria dissolvida. Quando a pesquisa psicanalítica é realizada segundo essa perspectiva, a transferência instrumentalizaria a produção de um texto metapsicológico, ou seja, uma reflexão teórico-clínica baseada no tratamento realizado (Iribarry, 2003).

De outro lado, neste debate, há autores que defendem que o método psicanalítico é uma

forma geral de pensamento e de ação, ou seja, uma perspectiva de mundo que se coloca em marcha pelo uso da associação livre de ideias e da atenção equiflutuante (Herrmann, 2001/2004a). Abre-se, desse modo, espaço para concebermos a possibilidade de uso do método psicanalítico em contextos bastante diversos do consultório particular, como, por exemplo, a abordagem de fenômenos sociais (Herrmann, 1979). Essa tradição, desde o nosso ponto de vista, já fora inaugurada por Freud, por exemplo, quando se debruçou sobre o escrito autobiográfico do Dr. Schreber (Freud, 1911/2000a), ou, ainda, quando redigiu seus ensaios sobre Moisés e o monoteísmo (Freud, 1939[34-38]/2000b). Ganha, contudo, relevância quando compreendemos a psicanálise como metodologia investigativa de cunho intersubjetivo. Emergente de uma clínica fundada, essencialmente, na intersubjetividade – tanto porque ocorre na relação paciente-analista quanto porque se volta, essencialmente, para as relações que a pessoa estabelece com os outros e com o mundo –, defendemos que a pesquisa psicanalítica deve ancorar-se em um “encontro” intersubjetivo, que pode se dar sob forma de tratamento psicanalítico ou de outros modos de contato com pessoas e produções humanas. Para tanto, fundamentamo-nos na proposição blegeriana de que todo fruto da ação humana guarda em si evidência do gesto que o criou (Bleger, 1963/1989).

Pautamo-nos, assim, neste estudo, no uso do método psicanalítico, colocado em marcha por meio da associação livre de ideias e da atenção equiflutuante, para tomar em consideração manifestações simbólicas de subjetividades grupais, que conformam ambientes humanos nos quais se mesclam dimensões históricas, sociais, culturais e emocionais. Tais ambientes, que denominamos imaginários coletivos, por sua vez são os mundos em que emergem novas práticas, sentimentos e ideias, e que se organizam a partir de um substrato afetivo-emocional, em geral não consciente, que nomeamos campo de sentido afetivo-emocional ou inconsciente relativo². Nesses campos se aglutinam sentidos emocionais que se expressam, no plano das condutas concretas, sob a forma de imagens, crenças, valores, temores, pensamentos e sentimentos. Desse modo, a investigação psicanalítica do imaginário coletivo de determinado grupo implica tanto a identificação de comunicações imaginativas – fragmentos do imaginário – como a produção interpretativa dos campos de sentido afetivo-emocional ou inconscientes relativos a partir dos quais emergem, ou seja, a produção de uma teoria local que possua potencial heurístico na atribuição de um sentido afetivo-emocional à manifestação em questão.

Participantes

Participaram deste estudo 47 graduandos cursando o 5º e o 7º semestres do curso de Psicologia de uma faculdade particular no interior do Estado de São Paulo, oito homens e 39 mulheres, com idade média de 26 anos e mediana de 23. Compreendemos que o agrupamento formando pelos entrevistados compõe um sujeito coletivo transindividual (Goldmann, 1971), que poderia ser caracterizado como feminino e jovem. Estes alunos foram tomados, portanto, como uma única personalidade coletiva: “a(o) estudante de Psicologia”.

Cuidados éticos

O projeto deste estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, instituição a que se vinculam as autoras, por meio do parecer número 375/09, atendendo aos padrões estabelecidos pela Resolução 196/96.

Procedimento de configuração do acontecer

Os participantes deste estudo pertenciam a três turmas distintas. Realizamos, assim, um total de três entrevistas coletivas (Duchesne & Haegel, 2005), nas quais fizemos uso de um recurso facilitador da expressão da personalidade coletiva em foco: o Procedimento de Desenhos-Estórias com Tema (Aiello-Vaisberg, 1999), originalmente idealizado por Trinca (1976) para uso psicodiagnóstico. Tal procedimento consiste no pedido de um desenho sobre um tema previamente escolhido pelo pesquisador, segundo os interesses da investigação, e na solicitação da invenção e escrita de uma história sobre a figura desenhada, no verso da folha. Neste estudo, solicitamos aos 47 participantes a criação de um desenho e de uma história sobre uma pessoa que procura ajuda psicológica devido a um problema sexual.

Procedimento de registro do acontecer

O acontecer clínico ao redor do qual se organiza esta investigação permanece registrado nas produções criadas pelos alunos. Compreendemos o ato de produção de desenhos-estórias como emergente do campo inter-humano em que ocorrem, e não como meras exteriorizações de psiquismos individuais. Assim, acreditamos que expressam as vivências da(o) estudante de Psicologia em seu encontro com o tema apresentado pela pesquisadora, que se dá, como convém lembrar, em contextos histórico, cultural, social, político e econômico específico.

Procedimento de interpretação do acontecer

Os desenhos-estórias produzidos pelos participantes foram considerados segundo as exigências do método psicanalítico: dirigimo-nos ao material em estado de atenção equiflutuante, associando livremente, e registramos nossas impressões, sensações, fantasias e pensamentos. Assim, deixamo-nos impressionar do ponto de vista afetivo-emocional, permitindo que ressoassem em nós e provocassem efeitos contratransferenciais. Poderíamos dizer que, nesse momento, as pesquisadoras permaneciam à espera de que algum “broto de sentido” começasse a surgir (Herrmann, 2001/2004a). Nas palavras de Silva (1993, p. 22), “um sentido sempre acabará por se fazer, porque é da ordem do humano que assim aconteça”. O movimento seguinte consiste, portanto, na espera de que alguma configuração de sentido se defina, no espaço intersubjetivo de encontro entre pesquisador e desenho-estória.

Aiello-Vaisberg, Machado, Ayouch, Caron e Beaune (2009) chamam a atenção para o fato de que, desde o nosso ponto de vista, a compreensão ou

interpretação do material clínico pelos pesquisadores consiste em uma atribuição de sentido que se encontra no mesmo nível ontológico das associações livres dos participantes. Isso se justifica pelo fato de o outro ser considerado, na pesquisa intersubjetiva, como semelhante e próximo, mas jamais como objeto que o pesquisador observaria de modo distanciado.

Resultados

A consideração do conjunto de desenhos-estórias permitiu a produção interpretativa de quatro campos de sentido afetivo-emocional: “Falha mecânica”, “Até que a morte nos separe”, “Quem sou eu?” e “Rejeição”.

O primeiro campo de sentido, “Falha mecânica”, organiza-se ao redor da crença de que problemas sexuais masculinos ocorreriam em função de prejuízo no complexo mecanismo de funcionamento corporal, que poderia ser afetado por distúrbios orgânicos ou causas psicológicas, como a presença de ansiedade, angústias e dúvidas. Como exemplo de produção emergente deste campo, apresentamos o Desenho-Estória com Tema 1:

Figura 1. Comunicação gráfica do desenho-estória com tema 1



À direita da folha, percebe-se uma figura masculina pequenina, de aparência jovem e frágil, que chora, segurando uma caixa em que se pode ler o nome de uma conhecida medicação utilizada no tratamento da disfunção erétil. Sua expressão facial lembra espanto e perplexidade e, próximo a seus lábios, vislumbramos um balão de fala que foi apagado. Sobre sua cabeça, uma imensa nuvem escura, de tempestade. No lado esquerdo da folha, foi desenhada uma casa com uma placa na fachada, indicando tratar-se do consultório de um psicólogo (Figura 1). Esse desenho é acompanhado pela seguinte história:

Carlos é um rapaz de 25 anos, que está passando por momentos difíceis ao lado de sua namorada, pois nos últimos 2 meses, Carlos não está conseguindo ter relação sexual com a namorada. Carlos está inconformado, com esta situação se sentindo triste, tentando várias formas para resolver este problema e não encontrando solução. Então Carlos orientado por sua namorada resolve procurar um psicólogo.

Este campo de sentido aponta para a experiência do corpo como uma máquina complexa, e da atividade sexual como momento em que determinados mecanismos corporais se colocariam em funcionamento, gerando uma série de reações fisiológicas. Não há, em nenhuma das produções

emergentes desse campo, referência ao prazer ou mesmo à reprodução. Tudo se passa como se a relação sexual fosse uma atividade maquinal, dissociada tanto da reprodução como da intimidade amorosa e dos relacionamentos inter-humanos.

Sob a vigência do segundo campo, “Até que a morte nos separe”, o problema sexual estaria relacionado à ausência de um relacionamento amoroso, concebido como parceria e compartilhamento afetivo e concreto de importantes experiências de vida. No centro da folha do Desenho-Estória com Tema 2, produção emergente deste campo, nota-se uma figura feminina sentada, de costas. Em frente a ela há uma grande mesa, atrás da qual se vê um homem sentado. Do lado direito da sala, uma estante com vários livros e objetos de decoração. Em primeiro plano, do lado inferior esquerdo, uma porta parece dar acesso à sala (Figura 2). Esta comunicação gráfica vem acompanhada da seguinte história:

A espôsa está decepcionada com o marido, pois ele não a entende, ela tem dois empregos, o do lar e o secundário. Além de dois filhos. A educação dos filhos, o marido delega para ela, e ele só faz mimar as crianças. Esses filhos ficam sem saber o que é limite e regras, o que dificulta ainda mais. Ela como mãe e cuidadora, sabe o que é melhor para os filhos,

Figura 2. Comunicação gráfica do desenho-estória com tema 2



espancar jamais, mas tirar alguns privilégios quando necessário. Computador, cinema, telefone, mesada, Shopping, etc. Ele protege os filhos na presença da mãe, desautorizando a mesma, e assim fica sem o respeito dos filhos, ao passo que a mãe é considerada “bruxa”, pelos filhos, o pai é o anjo da guarda, pois faz todas as vontades dos filhos. Ela perdeu a libido pelo marido, e ele só faz criticar. No momento ela está passando por uma crise conjugal, e procura um terapeuta familiar para ajudá-la a sair desta situação, sem que por isso tenha que chegar ao divórcio. Ela tem certeza que a presença do pai fará muita falta aos filhos, e apesar de tudo casaram-se por amor. E nos últimos meses, ele não a procura mais como esposa. Ela não tem certeza, mas pelas atitudes do marido, pensa estar sendo traída. Espero que o casal tenha um final feliz. Fim.

Tematiza-se, neste campo, a luta da mulher para manter a família unida. A protagonista retratada na produção parece acreditar que a felicidade e a realização pessoal femininas são encontradas, necessariamente, em um relacionamento amoroso de longa duração. Compreende a si mesma a partir dos papéis de mãe e esposa, deixando em segundo plano suas realizações profissionais, por exemplo. Entrevemos, assim, um imaginário conservador, segundo o qual as mulheres não teriam “problemas sexuais”, mas sim “problemas de relacionamento”, apontando para uma visão instrumental da sexualidade, que estaria a serviço da constituição de um vínculo matrimonial e de uma família.

Sob a vigência do terceiro campo de sentido afetivo-emocional, que intitulamos “Quem sou eu?”, a dificuldade sexual seria determinada por dúvidas que algumas pessoas viveriam acerca de si mesmas e/ou pela percepção de que suas sensações e sentimentos seriam diferentes daqueles experimentados pelos demais. Como exemplo de produção emergente deste campo, destacamos o Desenho-Estória com Tema 3: do lado esquerdo da folha, nota-se uma figura masculina loira, trajando camisa vermelha e verde e calça azul. Próximos aos seus lábios, dois balões de fala. O primeiro é povoado por dois símbolos do sexo feminino, retrçados em cor de rosa, um na posição correta e outro na diagonal, ficando muito parecido com o símbolo do masculino, ambos seguidos de um ponto de interrogação. No outro balão, lê-se o questionamento: “opção sexual... homossexual?” (Figura 3). Esse desenho está vinculado à invenção da seguinte história:

J. durante muitos anos, em sua adolescência, acreditou ser homossexual; apesar de ter namorado com algumas garotas, sempre lhe pareceu que algo faltava. Preferiu por todos esses anos esconder de seus pais, amigos e de si próprio as dúvidas que tinha. Esses anos passaram e cada vez mais J. se sentia atormentado por não ter tido relacionamentos “sérios” e duradouros. Resolveu investir em sua opção em outros homens, para tentar com isso “definir” de uma vez por todas sua orientação sexual. Por diversos meses saiu e conheceu novos homens com os quais não obteve qualquer relação senão a

Figura 3. Comunicação gráfica do desenho-estória com tema 3



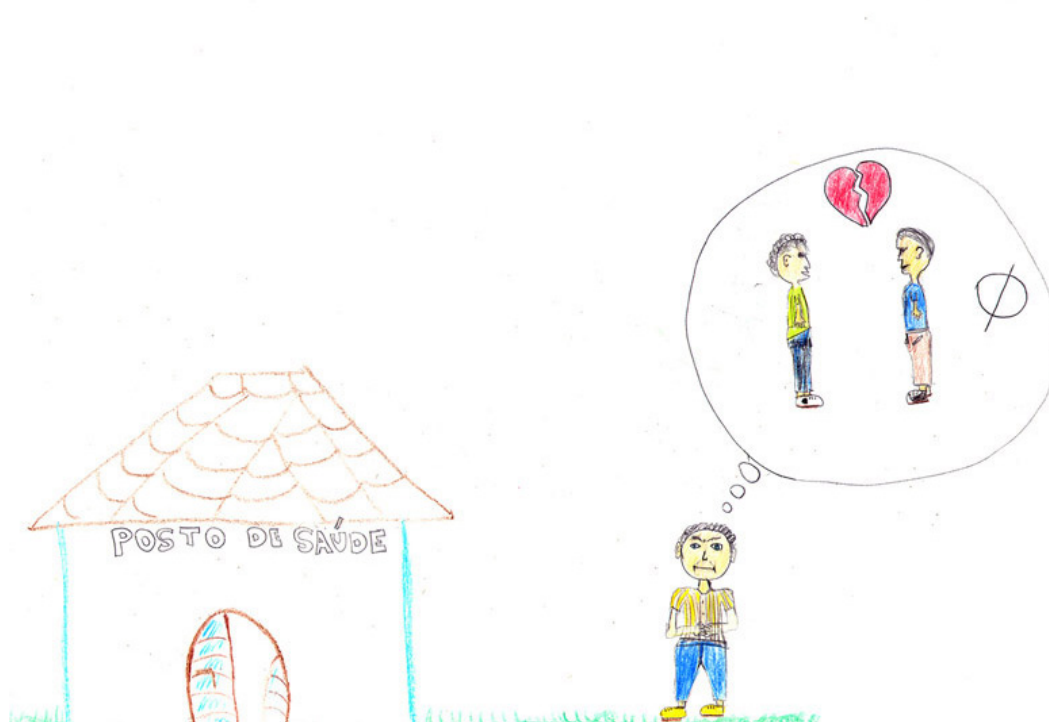
amizade. Ficando por demais desorientado por não sentir desejo sexual por nenhum dos sexos, começou a notar que sempre havia gostado da companhia de suas namoradas mas nunca havia sentido a necessidade de um relacionamento sexual mais íntimo. Isso o perturbou por dias afim, até que finalmente resolveu procurar ajuda. Encontrou o caminho na Terapia, procurando um psicólogo que pudesse ajudá-lo a compreender e buscar respostas ao seu sentimento, podendo enfim encontrar seu eu e “descobrir”, finalmente, a sua sexualidade. Fim!

Finalmente, o quarto campo interpretativamente aqui produzido, denominado “Rejeição”, define-se a partir da crença de que as dificuldades sexuais decorreriam do fato de que a sociedade não aceitaria nem compreenderia manifestações divergentes em relação à heterossexualidade. O Desenho-Estória com Tema 4, que é uma produção emergente deste campo, consiste no desenho de uma figura masculina com semblante tenso. Há um balão de pensamento próximo à sua cabeça, povoado por dois homens que se colocam frente a frente, tendo um grande coração vermelho partido entre eles. Nota-se, ainda, um sinal matemático que significa “conjunto vazio”. Os pés do rapaz apontam para o lado esquerdo, em que se encontra um Posto de Saúde com a porta entreaberta (Figura 4). Essa figura é acompanhada da seguinte história:

Uma pessoa sofria um conflito quanto à sua sexualidade, pensando em aliviar um pouco suas angústias procurou o serviço de Psicologia no Posto de Saúde. Lá o profissional de Psicologia o acolheu, apresentou como seriam os encontros, quanto ao enquadre. Porém o sujeito ainda estava angustiado e propôs ao psicólogo se poderiam encontrar mais vezes. Contou ao psicólogo que apresentava problemas quanto à sua auto-aceitação em ser homossexual e de como lidar com isso frente aos seus pais. O fator maior agravante é que ele estava apaixonado, veja bem, por outro homem. Seguiram com as orientações, o paciente sente-se confortável com o psicólogo, pois sabe que ali não é julgado, como sendo a escória da sociedade.

Os desenhos-estórias que podem ser considerados como emergentes dos campos “Quem sou eu?” e “Rejeição” - vale dizer, aqueles que retratam pessoas cujas vivências escapam à heterossexualidade, norma social vigente - tendem a aparecer sob uma luz negativa, sendo relacionados a vivências angustiadas, sofridas, confusas ou marcadas por dúvidas e incertezas. Tais vivências apresentam-se associadas a sentir-se socialmente diferente ou estranho, expressando-se inclusive como “sentir-se fundamentalmente errado”, talvez até “indigno de existência” no mundo compartilhado.

Figura 4. Comunicação gráfica do desenho-estória com tema 4



Discussão

Diante desse quadro, consideramos que a persistência de um imaginário marcado pela definição rígida dos papéis de gênero pode suscitar interessantes debates e futuras investigações, na medida em que poderíamos supor que os desenvolvimentos teóricos sobre o feminismo e as relações de gênero, bem como as mudanças sociais ocorridas no último século, não tenham sido suficientemente fortes para modificar um fundo afetivo-emocional que sustenta condutas preconceituosas e excludentes, uma vez que são demasiado estreitas para acomodar mais do que uma pequena parcela das possibilidades humanas.

Chama a atenção, por exemplo, a ausência, no horizonte de possibilidades imaginadas pelos alunos, de uma realização feminina não atravessada essencialmente pelos papéis de mãe e esposa. A mensagem que parece restar, após mais de meio século de luta, é a de que a mulher pode reivindicar ser mais do que mãe e esposa, mas restar-lhe-á sempre certa tristeza ou vazio se escapar a essas funções. Todo o esforço, a dedicação e o trabalho femininos parecem desvalorizados se não acompanhados pela figura de um cônjuge, apesar de vivermos em um país em que as mulheres são parcela expressiva da força de trabalho e habitualmente se responsabilizam, parcial ou completamente, pelo sustento da família. A reduzida visibilidade e a precarização do trabalho feminino, bem como outras questões emergentes da articulação entre gênero e trabalho, têm sido discutidas em numerosas produções científicas nacionais recentes (Amazonas, Vieira, & Pinto, 2011; Campos & Teixeira, 2010; Curado & Menegon, 2009; Cyrino, 2009; Hirata, 2009; Holzmann, 2000; Jonathan & Silva, 2007; Leone & Baltar, 2006; Madalozzo, Martins, & Siratori, 2010; Salvaro, 2004; Sanches, 2009). O exame destas complexas questões extrapola os objetivos do presente estudo, cabendo, contudo, o apontamento de que o sujeito coletivo transindividual entrevistado, caracterizado como feminino, jovem e formado por pessoas que se aproximam da possibilidade de exercer a profissão que escolheram, parece atribuir à atuação profissional importância inferior à dos cuidados com a casa e a família para a realização feminina.

O imaginário do coletivo entrevistado acerca da sexualidade masculina parece ainda mais empobrecido, reduzindo essa área da experiência humana a uma “mera função corporal” e realizando uma verdadeira amputação de suas dimensões afetivas e relacionais. Retrutando personagens perplexos diante da “disfunção sexual”, tal como Carlos, protagonista do *Desenho-Estória* com Tema 1, o coletivo de

futuras(os) psicólogas(os) parece comunicar sua própria perplexidade: que pode fazer alguém que se debruça sobre as vicissitudes dos relacionamentos inter-humanos diante de uma “questão puramente fisiológica”? As dificuldades sexuais masculinas não seriam, então, objeto de atenção psicológica, devendo ser tratadas à semelhança de uma “disfunção” do sistema circulatório?

Sem prejuízo ao reconhecimento das sofridas experiências humanas retratadas nas produções emergentes dos campos de sentido afetivo-emocional “Quem sou eu?” e “Rejeição”, salta aos olhos a ausência de relatos de vivências de dificuldades diversas, relacionadas à sexualidade desviante em relação à norma social. Será, por exemplo, que nesse imaginário os homossexuais não sofreriam por um amor não correspondido? Não teriam problemas de convivência, como aqueles relacionados à divisão do trabalho doméstico? E as situações tão complexas em que um casal homossexual compartilha a criação de filhos? Não enfrentariam dificuldades, por exemplo, na decisão de gestar um filho com o auxílio de tecnologia médica e participação de um doador? Ou quando compartilhassem a responsabilidade pelos cuidados dos filhos de relacionamentos anteriores do(a) companheiro(a)? Ou, ainda, diante da possibilidade de adotarem uma criança?

Nossa experiência como clínicas, pesquisadoras e docentes tem nos convencido de que, quando as coisas vão bem, o cotidiano laboral do psicólogo encerra uma boa dose de surpresas e de situações não imaginadas. Não poderia ser diferente, dada a complexidade do acontecer humano, sempre transbordante em relação às teorias que possuímos para atribuir-lhe sentido. Salta aos olhos, contudo, o empobrecimento da experiência humana, no imaginário do coletivo entrevistado, em relação à diversidade com que nos deparamos na vida das pessoas.

Considerações finais

Este estudo permitiu perceber que a pessoalidade coletiva abordada, formada por estudantes de Psicologia, sendo a maioria jovem e pertencente ao sexo feminino, quando convidada a imaginar uma pessoa que procurou um psicólogo devido a um problema sexual, tende claramente a se visualizar trabalhando na área da Saúde e recebendo pacientes heterossexuais. Esses apresentariam queixas e demandas reveladoras de modos empobrecidos e conservadores de organização de suas vidas afetivas. Nesse imaginário, as mulheres permaneceriam vinculadas à função de guardiãs dos casamentos e circulariam em uma esfera de afetos

e cuidados, na qual a dimensão do erotismo parece subordinar-se à reprodução. Os homens surgiriam como pacientes simples, subjetivamente pobres e fortemente motivados pelo temor do fracasso.

Por outro lado, quando este coletivo se imagina diante de pacientes homossexuais, a simplificação e o empobrecimento, característicos das produções imaginativas relativas aos heterossexuais, ganham contornos vagos e imprecisos, como se a subjetividade dessas pessoas se esgotasse na esfera do erotismo. Assiste-se a um reducionismo verdadeiramente espantoso, quando nos lembramos que nossos participantes dedicam-se ao estudo da ciência psicológica.

Como se vê, não encontramos evidências de um firme conhecimento científico eventualmente contaminado por preconceitos, mas um quadro geral que retrata uma aquisição deficiente de conhecimentos atualizados da Psicologia, uma vez que nos defrontamos com visões que parecem não ultrapassar um senso comum pouco instruído e pouco informado. Muitas cogitações podem ser feitas na tentativa de explicar este achado, tal como a hipótese de que a graduação não esteja cumprindo sua função. Entretanto, desconfiamos que o modo como são tradicionalmente transmitidos os conhecimentos científicos, na instituição universitária, tal como concebida no ocidente, não favorece uma integração orgânica entre a esfera cognitiva e as esferas afetiva e pragmática do viver. Tal dissociação pode ser prejudicial em muitas áreas do conhecimento, mas talvez se revele mais perniciosa nas ciências humanas, em geral, e na Psicologia, em particular. Não temos condições de responder a tais indagações neste momento, mas entendemos que possam e devam ser focalizadas em futuras pesquisas empíricas.

Notas

- ¹ Cabe lembrar que, no Brasil, as diretrizes curriculares para a formação do psicólogo têm cunho generalista, harmonizando-se, portanto, com a posição que defendemos, fundamentadas na obra de Bleger.
- ² Herrmann (1979 ou 2001/2004a) propõe uma compreensão do inconsciente como relativo a uma vivência ou produção humana, divergindo da concepção do inconsciente como instância intrapsíquica, característica da psicanálise clássica.

Referências

Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. Tese de Livre Docência, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

- Aiello-Vaisberg, T. M. J., Machado, M. C. L., Ayouch, T., Caron, R., & Beaune, D. (2009). Les récits transferenciels comme presentation du vécu clinique: une proposition méthodologique. In D. Beaune (Org.), *Psychanalyse, Philosophie, Art: Dialogues* (Vol. 1, pp. 39-52). Paris: L'Harmattan.
- Amazonas, M. C. L. A., Vieira, L. L. F., & Pinto, V. C. (2011). Modos de subjetivação femininos, família e trabalho. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 314-327.
- Bleger, J. (1989). *Psicologia da conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. (Original publicado em 1963)
- Bleger, J. (1976). *Psicohigiene e psicologia institucional*. Buenos Aires: Paidós.
- Brêtas, R. S., Ohara, C. V. S., & Querino, I. D. (2008). Orientação sobre sexualidade para estudantes de enfermagem. *Acta Paulista de Enfermagem*, 21(4), 568-574.
- Campos, M. S. & Teixeira, S. M. (2010). Gênero, família e proteção social: as desigualdades fomentadas pela política social. *Revista Katálisis*, 13(1), 20-28.
- Corbett, E. (2009). *"Até que a morte nos separe" e outros campos do imaginário coletivo de estudantes de psicologia sobre sexualidade*. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.
- Curado, J. C. & Menegon, V. S. M. (2009). Gênero e os sentidos do trabalho social. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 431-441.
- Cyrino, R. (2009). Trabalho, temporalidade e representações sociais de gênero: uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado. *Sociologias*, 21, 66-92.
- Dinis, N. F. & Cavalcanti, R. F. (2008, maio/agosto). Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. *Pro-Posições*, 19(2), 99-109.
- Duchesne, S. & Haegel, F. (2005). *L'entretien collectif*. Paris: Armand Colin.
- Freud, S. (2000a). Notas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (dementia paranoides). In *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1911)
- Freud, S. (2000b). Moisés e o monoteísmo. In *Edição eletrônica brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* [CD-ROM]. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1939[34-38])
- Gallo-Belluzzo, S. R. (2011). *O imaginário de estudantes de psicologia sobre o primeiro atendimento clínico: um estudo psicanalítico*. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.
- Goldmann, L. (1971). Pensée dialectique et sujet transindividuel. In L. Goldmann, *La création culturelle dans la société moderne* (pp. 121-154). Paris: Denoel.
- Herrmann, F. (1979). *O método da psicanálise*. São Paulo: EPU.
- Herrmann, F. (2004a). *Introdução à Teoria dos Campos* (2ª ed.). São Paulo: Casa do Psicólogo. (Original publicado em 2001)
- Herrmann, F. (2004b). Pesquisando com o método psicanalítico. In F. Herrmann & T. Lowenkron (Orgs.), *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 43-83). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hirata, H. (2009). A precarização e a divisão internacional e sexual do trabalho. *Sociologias*, 21, 24-41.
- Holzmann, L. (2000). Notas sobre as condições da mão-de-obra feminina frente às inovações tecnológicas. *Sociologias*, 4, 258-273.

- Iribarry, I. N. (2003, janeiro/junho). O que é pesquisa psicanalítica? *Ágora (Rio J.)*, 6(1), 115-138.
- Jonathan, E. G. & Silva, T. M. R. (2007). Empreendedorismo feminino: tecendo a trama de demandas conflitantes. *Psicologia & Sociedade*, 19(1), 77-84.
- Leone, E. T. & Baltar, P. (2006). Diferenças de rendimento do trabalho de homens e mulheres com educação superior nas metrópoles. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 23(2), 355-367.
- Lima, M. C. P. & Cerqueira, A. T. A. R. (2008, janeiro/março). Crenças sobre sexualidade entre estudantes de Medicina: uma comparação entre gêneros. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 32(1), 49-55.
- Madalozzo, R., Martins, S. R., & Siratori, L. (2010). Participação no mercado de trabalho e no trabalho doméstico: homens e mulheres têm condições iguais? *Revista Estudos Feministas*, 18(2), 547-566.
- Martins, P. C. R. (2007). *O amante competente e outros campos do imaginário coletivo de universitários sobre dificuldades sexuais masculinas*. Tese de Doutorado, Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, SP.
- Moscheta, M. S., Mcnamee, S., & Santos, J. C. (2011). Diálogo e transformação: incluindo a diversidade sexual no contexto educacional. *Educar em Revista*, 39, 103-122.
- Paiva, V. (2008, outubro/dezembro). A psicologia redescobrirá a sexualidade? *Psicologia em Estudo*, 13(4), 641-651.
- Ribeiro, D. P. S. A., Tachibana, M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2008, julho/dezembro). A experiência emocional do estudante de psicologia frente à primeira entrevista clínica. *Aletheia*, 28, 135-145.
- Rohden, F. (2009, abril). Gênero, sexualidade e raça/etnia: desafios transversais na formação do professor. *Cadernos de Pesquisa*, 39(136), 157-174.
- Russo, R. C. T., Couto, T. H. A. M., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2009). O imaginário coletivo de estudantes de educação física sobre pessoas com deficiência. *Psicologia & Sociedade*, 21(2), 250-255.
- Sanches, S. (2009). Trabalho doméstico: desafios para o trabalho decente. *Revista Estudos Feministas*, 17(3), 879-888.
- Salvaro, G. I. J. (2004). Jornadas de trabalho de mulheres e homens em um assentamento do MST. *Revista Estudos Feministas*, 12(1), 321-330.
- Silva, M. E. L. (1993). Pensar em psicanálise. In M. E. L. Silva (Coord.), *Investigação e psicanálise* (pp. 11-25). Campinas, SP: Papyrus.
- Souza, L. C. & Dinis, N. F. (2010). Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. *Pro-Posições*, 21(3), 119-134.
- Trinca, W. (1976). *Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de percepção temática*. Belo Horizonte: Interlivros.

Agradecimento

Agradecemos ao CNPq o apoio por meio das bolsas de mestrado (Processo 30440/2008-6), doutorado (Processo 140494/2009-0) e produtividade em pesquisa (Processo 314481/2009-5), recebidas respectivamente pela primeira, pela segunda e pela última autora. O artigo foi elaborado a partir da pesquisa desenvolvida pela primeira autora.

Submissão em: 09/04/2012

Revisão em: 16/09/2012

Aceite em: 20/11/2012

Elisa Corbett é Mestre e Doutora em Psicologia pela PUCAMP. Endereço: Rua Luis Paoliere, 100. Parque São Quirino. Campinas, SP, Brasil. CEP 13088-390. Email: licorbett@hotmail.com

Fabiana Follador e Ambrosio é Mestre em Psicologia pela USP e Doutora em Psicologia pela PUCAMP. Email: fabfoll@uol.com.br

Sueli Regina Gallo-Belluzzo é Mestre e Doutora em Psicologia pela PUCAMP. Email: suelibelluzzo@gmail.com

Tânia Maria José Aiello Vaisberg é Professora Livre Docente pelo Instituto de Psicologia da USP. Orientadora dos Programas de Pós-Graduação em Psicologia do IPUSP e da PUCAMP. Coordenadora da Ser e Fazer: Oficinas Psicoterapêuticas de Criação e do NEW - Núcleo de Estudos Winnicottianos de São Paulo. Email: aiello.vaisberg@gmail.com

Como citar:

Corbett, E., Ambrosio, F. F., Gallo-Belluzzo, S. R., & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2014). Produções imaginativas sobre dificuldades sexuais: um estudo psicanalítico. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 756-765.